Universidade Estadual de Campinas

Instituto de Artes

PROJETO FINAL DE GRADUAÇÃO - MU999

Trajetórias no Aprendizado na Flauta Doce

Antonio Fellipe Jesus Ivale

RA:194307

Curso: Licenciatura em Música

ORIENTAÇÃO: Suzel Ana Reily

ANTONIO FELLIPE JESUS IVALE

TRAJETÓRIAS NO APRENDIZADO NA FLAUTA DOCE

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) no curso de Música, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Música.
Orientador: Prof(a).Dr(a). Suzel Ana Reily

Campinas
2021

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Artes
Silvia Regina Shiroma - CRB 8/8180

Ivale, Antonio Fellipe Jesus, 1997-
Iv11t Trajetórias no aprendizado na flauta doce / Antonio Fellipe Jesus Ivale. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Suzel Ana Reily.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes.

1. Flauta doce. 2. Música - Instrução e estudo. I. Reily, Suzel Ana,1955-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: Trajectories in learning on recorder
Palavras-chave em inglês:
Recorder (Musical instrument)
Music - Instruction and study
Titulação: Licenciado Pleno em Artes - Música
Data de entrega do trabalho definitivo: 21-01-2021

Resumo: No meu trabalho darei foco a uma autoanálise da minha experiência como flautista, abarcando a minha iniciação musical até o segundo semestre de 2020. Assim, busco identificar formas de introduzir a flauta enquanto instrumento de iniciação musical em que seja possível preservar as características próprias e repertórios do instrumento. Para chegar em uma proposta de ensino, discutirei os três relatos de experiência pessoais no meu envolvimento com a flauta doce.

Palavras-chave: Aprendizado na flauta doce; repertório; autoanálise; experiência

Cidade Universitária "Zeferino Vaz"
Campinas – SP
Janeiro / 2021

SUMÁRIO

Capítulo 1- A flauta doce na educação musical ..... 3.
Capítulo 2- Objetivos e Metodologia..... 7
Capítulo 3- Estudos de Caso..... 8
3.1- Flauta doce no Projeto Rosa dos Ventos 8
3.2- O aprendizado de forma autodidata 12
3.3- Estampie, grupo de música antiga da Unicamp..... 15
Capítulo 4- Para uma nova orientação no uso da flauta doce 18

Capítulo 1

A flauta doce na Educação Musical

A flauta doce é muito utilizada em espaços de educação, sejam eles formais ou informais. A educadora musical Maura Penna, junto de Olga Barros e Marcel Mello (2012) traz, em seu artigo, o debate entre duas vertentes muito utilizadas no ensino musical que são muito relevantes para o contexto do uso da flauta doce: os que defendem o essencialismo e os que defendem o contextualismo. Ela define essas duas vertentes da seguinte maneira: a perspectiva *essencialista* é voltada para o ensino técnico-profissionalizante, focando apenas nos conteúdos musicais; já a *contextualista* foca na formação global do aluno, valorizando aspectos sociais e psicológicos. Essas duas vertentes não se anulam necessariamente, pois para um trabalho que envolve música, há de desenvolver habilidades e conteúdos musicais, sem perder características como a inclusão social e o desenvolvimento pessoal. O ensino não se esgota apenas na parte musical, pois saber tocar um instrumento muito bem não garante uma qualidade na aprendizagem (PENNA, BARROS E MELLO 2012). A formação e o preparo, é que irão construir bases sólidas em diferentes alunos e contextos.

Vale apontar que o uso da flauta doce na educação musical tende a se inserir em projetos contextualistas, onde o ensino de música envolve o instrumento sem que se tenha somente o objetivo de musicalizar, mas também de promover o desenvolvimento humano no geral. Segundo João Amaro (2016), a educação musical busca dar ferramentas básicas para o indivíduo assimilar e se utilizar da linguagem musical, sem ter necessariamente o intuito da profissionalização. O objetivo da instrução musical com a flauta doce ou outro instrumento vai além da música em si

mesma, pois projetos formais e informais, especialmente o último, geralmente são voltados para a grande população. Por conta disso, para atender a essa demanda populacional, outros valores, como o desenvolvimento humano e mental, são incorporados nessas práticas.

O uso da flauta doce nestes contextos é compreensível, pois muitos a veem como um recurso fácil no processo de ensino e aprendizagem musical, muito por conta de sua fácil assimilação (pelo menos no início da aprendizagem), baixo custo e portabilidade. Essas ideias, contudo, podem trazer um componente limitador, pois o uso da flauta doce fica restrito a apenas essas características, sem levar em conta o potencial do instrumento em performances artísticas, ou seja, a sua integridade enquanto instrumento musical sério. Isso não significa que precisamos ignorar todos esses fatores, sejam eles as vantagens estruturais da flauta doce quanto seus possíveis benefícios sociais e educacionais, mas também devemos dar o devido valor ao instrumento em si, equiparando-o a outros instrumentos e práticas musicais, como violão, violino, canto etc.

A questão a ser levantada é se, dando-se um foco contextualista à aprendizagem de música envolvendo a flauta doce, promove a valorização do instrumento entre os alunos, principalmente em contextos não formais, pois pode haver o risco da flauta ser vista como algo passageiro e pouco significativo na vida musical do estudante. Há vários desafios que a flauta doce impõe na hora da aprendizagem, requerendo uma perspectiva mais "essencialista". Isso porque ela não possui tantos recursos técnicos ou mecânicos que auxiliem e facilitem na sua execução. Por exemplo, a flauta doce requer atenção especial para: afinação, coordenação dos dedos com a língua, o sopro; estes são alguns dos desafios que precisam de atenção por conta das características do instrumento, que é menos complexo em sua estrutura física e que reage a variações mínimas de sopro.

No Brasil, por ser financeiramente barato e a ideia por parte de alguns de que a flauta doce é um instrumento fácil de aprender, criou-se a imagem de que se trata de um instrumento de passagem, onde as pessoas leigas têm sua iniciação musical e que mais tarde irão migrar para outro instrumento considerado “sério”. Ou seja, isso implica dizer que ele tem um limite, tanto no aprendizado quanto na área performática. No início ele é fácil, isso por conta da emissão do som que não exige uma embocadura tão complexa quanto a da flauta transversal, por exemplo. Mas isso não significa que

será uma tarefa fácil conseguir emitir um som afinado e equilibrado. Qualquer instrumento musical tem suas particularidades que facilitam ou dificultam a sua execução, e isso precisa ser levado em conta para a flauta doce também, sem negligenciar os pontos que precisam ser trabalhados e que desfavorecem esse instrumento.

No decorrer do meu aprendizado, fui desconstruindo essa ideia limitadora do instrumento, muito por conta de apresentações que vi pela internet ou ao vivo, pois percebi a riqueza de repertório, as formações em duo, trio e quarteto e as comunidades virtuais ou físicas que falavam somente deste instrumento. Por conta dessas experiências apreciativas, o meu estudo da flauta doce foi se intensificando, pois percebi que executar este instrumento não era tarefa fácil.

Tocar em grupo nunca foi fácil, por causa das dificuldades com afinação e sincronia rítmica. Com várias flautas, então, isto se torna uma missão quase impossível. Isso decorre primeiramente dos desafios da afinação, pois diferentes modelos e materiais do instrumento podem influenciar no som emitido. Um grande contraste nesse quesito está na diferença entre as flautas doces de modelos barrocos e germânicos. Vários professores e especialistas na flauta doce dizem que o modelo germânico foi construído com o intuito de facilitar a digitação em relação à barroca; no entanto, ela tem algumas limitações, como, por exemplo: uma afinação menos estável e um timbre mais áspero e claro. Para eles, a nota fá tem um dedilhado mais simples na flauta germânica, comparado com o da barroca, mas as notas fá# e sol# ficam mais difíceis de serem afinadas, pois a afinação exige alto controle no sopro.

Estes desafios na técnica da flauta doce precisam ser vistos em relação a práticas pedagógicas frequentes no uso do instrumento: o ensino coletivo, que acaba por promover "coros" de flautas sopranos, e via de prática, flautas doces sopranos germânicas, todas tocando em uníssono. Neste contexto, os problemas de afinação ficam particularmente patentes, pois, com a experiência, percebi que um grupo muito grande de flautas do mesmo tipo tem muita dificuldade em tocar de forma afinada, em uníssono todas na mesma frequência. Juntar os alunos tocando a mesma música na flauta doce, principalmente na soprano, pode não ser muito efetivo em termos musicais e pedagógicos. Isso não significa que trabalhar em grupo utilizando a flauta seja ruim, só necessita da adoção de outras estratégias para não desanimar o grupo

na performance por conta da desafinação, e pensar arranjos onde pequenos grupos façam linhas melódicas diferentes, por exemplo.

Neste TCC, estarei expondo os três estudos de caso em que participei de atividades pedagógicas ligadas à flauta doce, para então identificar práticas que, levando em conta a realidade dos contextos de trabalho que o professor de música possa enfrentar, possam conciliar as vantagens da flauta com as suas limitações, gerando experiências musicais positivas entre os participantes ao mesmo tempo que mantêm a integridade moral do instrumento em si.

Capítulo 2

Objetivos e Metodologia

No meu trabalho darei foco a uma autoanálise da minha experiência como flautista, abarcando a minha iniciação musical até o segundo semestre de 2020. A flauta doce é frequentemente vista como um instrumento propício para a iniciação musical, mas fora dessa esfera ela tende a ser pouco valorizada. No entanto, existe um repertório próprio para o instrumento, particularmente material para conjuntos pequenos. Assim, busco identificar formas de introduzir a flauta enquanto instrumento de iniciação musical em que seja possível preservar as características próprias e repertórios do instrumento. Para chegar nesta proposta de ensino , discutirei os três relatos de experiência no meu envolvimento com a flauta doce: 1) Iniciação musical do projeto Rosa dos Ventos; 2) Aprendizado autodidata através da internet; 3) Grupo de Música Antiga da Unicamp. A partir destas discussões, irei refletir sobre questões nas seguintes esferas: a musicalização, ensino e aprendizagem por meio da flauta doce; o valor cultural desse instrumento no Brasil; a não linearidade do aprendizado e seus contextos multifacetários; a performance em grupo e os repertórios próprios da flauta doce. Por fim, voltarei para minha experiência como professor de flauta doce do projeto de musicalização infantil da Unicamp, visando uma implementação das propostas que surgirem dessa pesquisa.

Capítulo 3

Estudos de caso

3.1. Flauta doce no Projeto Rosa dos Ventos

Meu primeiro contato com o ensino de música se deu com o Projeto Rosa dos Ventos: Caminhos do Futuro, realizado através da parceria da instituição AEHDA (Associação de Educação do Homem do Amanhã de Araras) com a marca Yamaha, no ano de 2013. Essa instituição é responsável por proporcionar uma oportunidade de iniciação no mercado de trabalho, e suprir a carência educacional a jovens de baixa renda. O projeto foi elaborado com alguns objetivos sociais em mente, como: Fortalecimento da autoestima do adolescente; Estruturação comportamental e atitudinal para relações interpessoais; Equilíbrio do comportamento lógico e estético por meio da musicalização e cultura, entre outros. Em suma, a socialização, o raciocínio lógico e a estética da arte são as bases dos objetivos em geral, visando um desenvolvimento pleno do ser humano por meio do exercício da arte.

Entre os cursos oferecidos pela AEHDA, um deles, que envolvia recursos humanos com iniciação musical, chamou a atenção de minha mãe que consequentemente me incentivou a participar. O curso foi realizado de fevereiro a agosto, com duração de 120 horas, focando no desenvolvimento humano e técnico, e 70 horas para a musicalização. Além do critério econômico, para participar do projeto era necessário ter entre 16 e 18 anos de idade e estar matriculado na escola pública regular.

O curso teve, naquele ano, a participação de 64 alunos ao todo, divididos em duas turmas de 32 pessoas cada. Na primeira aula foram distribuídos kits doados pela Yamaha contendo: duas flautas, uma soprano e a outra contralto, ambas de resina; dois cadernos do sopro novo, um de flauta soprano e outro contralto, também da marca Yamaha, com adicional de um cd cada um; uma pasta por aluno para guardar as demais partituras impressas. Apesar da proposta de 70 horas de convivência com a iniciação musical, dividida em três tópicos: leitura de partituras, execução de

instrumentos de sopro (flauta doce) e canto coral, este último não foi realizado, sem sabermos o motivo do início ao fim do projeto. João Amaro (2016) fez uma pesquisa de projetos sociais que envolvem a flauta doce e ele percebeu que as atitudes dos alunos em relação ao instrumento eram influenciadas pela sua idade e desenvolvimento cognitivo. Isso mostra que a flauta não serve apenas como brinquedo para as crianças ou adolescentes no início da sua musicalização, pois, com a maturação, sua prática se torna mais significativa. A proposta do curso de oportunizar um estágio e preparar para o mercado de trabalho é apenas um eixo desse projeto, o outro está na vivência do universo musical com a flauta doce, por isso ela não está submissa e inferiorizada em comparação com os outros objetivos, pois a flauta doce pode proporcionar uma experiência riquíssima para as pessoas, por isso ela não pode ser tratada como um brinquedo ou ser menosprezada como sendo um instrumento musical.

O espaço destinado às aulas era grande, com 32 cadeiras, dispostas em formato circular e uma estante a cada duas cadeiras. Sua acústica era boa, com pouca reverberação. Outras salas menores eram utilizadas, principalmente para atividades em pequenos grupos. Em alguns casos como não havia sala suficiente para todos, outros espaços eram utilizados, como corredores e o pátio.

A docente na época tinha 45 anos, e ela contou a todos em sua apresentação que além de flautista formada pelos cursos da Yamaha, também era cantora e violonista. Depois de se apresentar, ela perguntou se mais alguém tocava algum instrumento musical, e apenas três garotas responderam que sim. Duas disseram que tocavam violão e a outra que cantava na igreja.

As aulas aconteciam uma vez por semana, durante 2 horas e com um intervalo no meio de 15 minutos. Para o primeiro mês de aula utilizou-se a soprano primeiro e depois a contralto. O trabalho era realizado inicialmente com todos, aprendendo as notas si, lá, sol, dó e ré a cada aula. A partir daí a docente introduziu outras notas, junto com a leitura de partitura, mostrando onde a nota se localiza na pauta. Na flauta contralto o procedimento de aprendizagem foi o mesmo, apenas fazendo a sua devida transposição. Para isso ela utilizou o caderno de flauta mencionado anteriormente, onde há uma progressão de notas a ser apresentado, aparecendo uma nota por vez nos primeiros capítulos, com um ou dois exercícios de fixação e uma música que ressalta o conteúdo trabalhado. Em seguida para a realização de algum exercício ou

música para adicionar no repertório, ela dividia a turma em pequenos grupos de 5 ou 6 pessoas. E isso facilitava o aprendizado na minha opinião, pois com pequenos grupos, os alunos conseguiam se ajudar e a interação social entre eles melhorava, e ainda por cima facilitava a correção de digitação ou da técnica do sopro.

Infelizmente não houve um bom estudo de teoria musical. Digo isso porque o ritmo não foi bem trabalhado na leitura musical. O que ocorria na maioria das vezes era uma imitação, onde a professora tocava e os alunos repetiam o que ela tinha feito. Mesmo sabendo a localização das notas na pauta, a fluência era defasada. Mesmo seguindo os conteúdos do caderno, muitos duetos ficavam de fora, o que me frustrava, pois estudava e tinha a expectativa de poder tocá-los com outras pessoas. Além disso, algumas músicas com um nível maior de dificuldade técnica, eram trabalhadas com apenas alguns alunos que se desempenhavam um pouco mais nos estudos de flauta.

Olhando hoje para essa experiência pretérita, vejo que outras lacunas estavam presentes. Uma delas é a contextualização da flauta doce. Quero dizer que pouco conhecia sobre o instrumento, em relação à sua história, repertório próprio do instrumento, e como ela é usada na contemporaneidade. Outros aspectos como sonoridade e postura foram trabalhados inicialmente, mas que foram deixados de lado ao longo do semestre. Na minha concepção, o espírito colaborativo não estava presente na turma, pois boa parte dos alunos não queria estudar fora da sala de aula, ou não se reuniam para partilhar de experiências ou vivências práticas com o instrumento.

O recital [1]do grupo de 2013 ocorreu no dia 7 de agosto e foi realizado no Teatro Estadual de Araras Maestro Francisco Paulo Russo, às 20h. Ele teve a participação de um pianista acompanhador chamado Milton, que na época era funcionário da AEHDA. Para que coubessem todos os alunos, foram feitas três fileiras. Um suporte de partituras foi entregue para cada dois alunos dividirem, com três microfones na frente da primeira fileira, um localizado à esquerda, um central e outro à direita. Em relação ao repertório, iniciou-se com o "Hino Nacional Brasileiro", executado por alguns alunos, pois nem todos tinham adquirido a competência musical para apresentá-la. A segunda foi uma peça a duas vozes, sendo executada por duas flautas contraltos. A terceira peça foi a conhecida "Hino à Alegria", que integra a Sinfonia de

[1] https://www.youtube.com/watch?v=XWrnHYtyCSQ Link do recital no Youtube

Beethoven. No arranjo da música, a professora começou cantando a primeira frase ao acompanhamento do piano. Depois foi feita a música infantil "Borboletinha", com a professora tocando seu violão junto das flautas em uníssono. Em seguida foi tocado "Mulher Rendeira", também com violão, as flautas executando a melodia e um aluno tocando triângulo. E para continuar nesse clima nordestino, foi tocado "Asa Branca" de Luiz Gonzaga, com a mesma formação da música anterior. A próxima música foi "Minueto em Sol Maior" de Bach, onde, além das flautas, três pessoas tocaram a escaleta. Depois disso foram tocadas uma série de músicas folclóricas, como um *pout pourri***.** Depois disso tocou-se "Carinhoso", com apenas alguns alunos, muito por conta da dificuldade técnica e pelo pouco interesse na peça pelos alunos. Seguindo na linha da música popular brasileira, foi tocado "Garota de Ipanema" na flauta contralto, novamente feita por apenas alguns alunos. "Over the Rainbow" foi executada em seguida, pelas flautas soprano e contralto junto do piano. E para terminar foi tocado "Aquarela do Brasil", e "Brasileirinho", com a docente tocando a primeira parte sozinha na flauta soprano, e os alunos executando o restante.

Em relação ao repertório executado no recital, fica nítido que a escolha não contemplou todos os alunos, e de certa forma não agradou por excluir alguns deles. Mesmo algumas músicas tendo um maior nível de dificuldade técnica, no meu ponto de vista todos teriam a capacidade de executar todas elas. Em alguns casos como Brasileirinho e Aquarela do Brasil, o andamento foi feito mais lento, diminuindo o nível de dificuldade, deixando em aberto se esse tipo de alteração é válido em relação a composição original.

Outra questão aparente é o uso do piano e do violão durante a apresentação, pensando na função dos dois em relação às flautas. A proposta é a de preencher as melodias com uma harmonia executada pelos instrumentos, mas pensando no contexto geral e revendo o vídeo desse recital, me parece que além dessa função eles também tinham como objetivo “camuflar” alguns problemas de desafinação ou de andamento. É claro que um instrumento harmônico executa uma harmonia com mais facilidade do que as flautas, pois isso exigiria um certo trabalho. Mas a forma como eles executam preenchendo os espaços para além da melodia, me faz acreditar nessa hipótese. E falando sobre desafinação, executar melodias em uníssono com um grande número de flautas, pode ser um problema. Pois este instrumento, assim como outros de sopro, tem alterações na afinação de acordo com a coluna de ar e da postura

do executante. Sobre o andamento, a docente rege em todas as músicas, mesmo aquelas em que ela toca o seu violão, e há variações de andamento diferentes da música original, como por exemplo brasileirinho, onde diminuiu a velocidade da execução.

Durante todo o recital, executei todas as músicas que estavam no repertório daquela noite. Durante o semestre não tive grandes dificuldades com relação a nenhuma lição apresentada nas apostilas ou no repertório musical escolhido para a apresentação de final do curso. Lembro de ajudar alguns colegas que tinham dificuldades com a flauta, seja na apresentação final ou durante as aulas. Por sermos uma turma muito grande, a professora não dava conta de sanar todas as dúvidas e dificuldades que ocorriam, por isso que eu e outros colegas ajudávamos quem precisasse. A docente que gostava muito de MPB, um mês antes do recital, resolveu adicionar algumas músicas que estavam envolvidas nesse gênero, as músicas foram “Brasileirinho”, "Aquarela do brasil” e "Carinhoso". Essas são músicas que tinham um nível de dificuldade maior das que foram trabalhadas durante o semestre, por isso a docente resolveu escolher alguns alunos, incluindo a mim, e perguntou se gostaríamos de apresentar essas músicas que ela escolheu. Todos os convidados aceitaram executar as músicas no recital. Pela proximidade do evento, tivemos que fazer alguns ensaios extras junto da professora orientando todo o processo.

Depois de pensar muito sobre todo o processo de aprendizagem até o recital, fica o seguinte questionamento: será que uma apresentação reflete um bom trabalho? Penso que o processo é mais importante muitas vezes que o resultado, principalmente em projetos sociais envolvendo música com duração de médio a longo prazo. Isso porque o aluno vai levar consigo toda a bagagem adquirida, não apenas uma apresentação final que pode ter dado “certo”.

3.2. O aprendizado de forma autodidata

No primeiro semestre de 2018 fui assistir a primeira eliminatória do programa Prelúdio da Tv Cultura, e o primeiro candidato foi uma garotinha de 10 anos de idade tocando um concerto do Giuseppe Sammartini para flauta doce e orquestra. Logo de cara fiquei surpreso com duas coisas, a primeira por ela ser tão nova e estar competindo em um programa para profissionais, e a segunda pelo instrumento musical executado. Isso

me deixou surpreso pois nunca havia visto alguém executar um concerto com orquestra na flauta doce antes. Depois de acompanhá-la até a final do programa, pude ver o quão valoroso aquele instrumento ficou aos meus olhos, me inspirando a procurar mais apresentações na internet.

Para iniciar minha busca em relação a aulas de flauta doce e materiais de apoio, utilizei as ferramentas de pesquisa online *Google* e *Bing* para fazer um comparativo. Em ambos os buscadores utilizei a frase “aulas de flauta doce”, e os resultados foram muito similares. Feito isso, resolvi utilizar o Google por estar habituado com esta ferramenta de pesquisa. Os primeiros resultados eram anúncios de curso online de flauta doce e transversal. Ao ler a descrição de alguns, percebi que eles não me interessavam, pois o conteúdo era voltado para pessoas iniciantes, o que já não era o meu caso. Além disso, estava interessado em aprender outras flautas além da soprano, como a contralto, tenor e baixo, e nenhum deles oferecia essa opção. Vários blogs, sites de música e aplicativos também estavam presentes na primeira página, mas nenhum correspondia às minhas expectativas. Vasculhando vídeos e sites à procura de aulas de flauta doce, encontrei o grupo Quinta Essentia por acaso, e vi várias gravações de músicas folclóricas/ populares, eruditas e contemporâneas. Isso me inspirou muito mais a querer estudar o instrumento, pois até aquele momento não conhecia um grupo profissional só de flautistas doces brasileiros.

Depois de vasculhar em vários sites, decidi utilizar o agregador de vídeo *Youtube.* Na plataforma pude encontrar diferentes propostas quando utilizei a mesma frase dos motores de busca. Alguns dos vídeos ofereciam pequenas aulas introdutórias no instrumento, outros tutoriais para tocar determinadas músicas e alguns playbacks com a partitura no vídeo. Assisti alguns deles para relembrar conceitos básicos, como postura, golpe de língua e posições das notas na flauta. Em um primeiro momento, foi positivo, pois como já havia aprendido antes e esquecido por um longo período, foi bom revisar e dar o primeiro passo na minha retomada do instrumento. Por eu já ter alguns conhecimentos prévios de música, não tive grandes dificuldades, pois os vídeos eram bem objetivos na proposta e conteúdo. Assistindo vídeo por vídeo, na aba de sugestões apareceram outros vídeos com temáticas parecidas com a minha pesquisa inicial. Um deles me chamou a atenção, não me recordo exatamente qual, mas o nome do canal é "Team recorder". O algoritmo do Youtube, assim como de outras redes sociais, sugere conteúdos parecidos a o que se

vem buscando em seu perfil nas redes, com o intuito de prender sua atenção e manutenção naquela página da web. Por isso consegui encontrar este canal por sugestão da plataforma, o que, na minha visão, não é ruim, pois como o título do vídeo que me atraiu está em inglês, eu não o teria encontrado se não fosse pelo algoritmo tê-lo indicado. Com mais de 135.000 assinantes, o canal é voltado para o ensino e divulgação da flauta doce e música contemporânea.

Sarah Jeffery [2] é a dona do canal; possui um Mestrado em Música cum laude e um diploma de Bacharelado em Música do Conservatório de Amsterdam, onde completou uma tese sobre a relação entre a dança de tamancos e o teatro musical contemporâneo; ela também possui um diploma de Bacharelado em Música do Conservatório de Birmingham. O canal é todo em inglês, que o torna mais acessível mundialmente, pois o idioma é um dos mais falados ao redor do globo, e o próprio Youtube possui uma ferramenta de tradução com legendas em vários idiomas. O conteúdo do canal é bem diversificado, voltado tanto para iniciantes quanto para aqueles mais avançados. Como já disse anteriormente, seu canal possui muitos tutoriais sobre técnica, repertório e improvisação. Além disso ele traz dicas, como por exemplo: divulgação de métodos, curiosidades envolvendo a flauta doce e de história da música, pareceres ("*reviews*)" de flautas modernas ou tradicionais, apresentações e outros "vlogs" pessoais.

Esse canal me ajudou a compreender melhor o universo envolvendo a flauta doce, conseguindo suprir aquela carência que eu sentia nos primeiros resultados da pesquisa. Os temas que mais me chamaram a atenção foram aqueles sobre flauta e música antiga, sonatas de Handel e Bach, e as dicas/ tutorias de leituras e músicas. Através de todo o relato até aqui, pude construir uma base para iniciar os estudos, mas ainda assim não tinha a certeza de estar fazendo um bom progresso. Isso porque até aquele momento eu estava acostumado com a orientação de algum professor de música, e algumas questões técnicas e de postura ainda me deixavam com dúvida. Então por este motivo decidi procurar métodos tradicionais de flauta doce para complementar o meu aprendizado, alguns deles eu utilizo até hoje, como é o caso do método "Minha doce flauta doce" de Mário Mascarenhas e o "Método para tocar la flauta doce soprano" de Helmut Monkemeyer. Os métodos puderam me auxiliar, mas

[2] Ver sua biografia completa no site https://sarahjeffery.com/

do meu ponto de vista ainda não poderiam substituir o professor presencialmente. Apesar de muitos estudiosos da área da educação utilizarem e defenderem a educação a distância, no caso de uma aula de instrumento, na minha visão, não há um bom aprendizado para o aluno iniciante. Isso porque ele não terá um “feedback”, um retorno imediato sobre seu desempenho, pois ele ainda não adquiriu conhecimento suficiente para fazer autocorreções. Vejo a internet como uma boa ferramenta para auxiliar o aluno, ajudá-lo em questões pontuais e ser uma forma de complemento em relação ao seu estudo.

3.3. Estampie, grupo de música antiga da Unicamp

Este relato vai abarcar o período de um ano, do início do segundo semestre de 2019 até o final do segundo semestre de 2020. No segundo semestre de 2019 decidi aprimorar os conhecimentos em relação a flauta doce, então procurei uma docente recém-chegada à Unicamp, e soube que ela havia montado um grupo de música antiga com várias flautas doces e outros instrumentos. Depois fiquei sabendo que o grupo já existia desde 2018, fazendo apresentações e se reunindo uma vez por semana para os ensaios.

O grupo não era muito grande, formado por cinco flautistas e dois violinistas quando ingressei, sendo que o número de pessoas variava de acordo com o semestre. Vale destacar que o nível de competência na flauta entre os membros do grupo é bem heterogêneo; há iniciantes, intermediários e avançados no instrumento. O repertório do grupo se centrava na performance de peças renascentistas e medievais, próprias para flautas doces, geralmente a quatro vozes: Soprano, contralto, tenor e baixo. Segundo Laís Ivo (2015, p.3), um período de grande efervescência no uso das flautas doces foi a Renascença. Muito do repertório do grupo provinha desse período histórico, onde a formação instrumental com grupos de flauta doce era popular. Muitos desses arranjos para esse instrumental eram adaptações feitas de peças vocais nos séculos XV e XVI (IVO, 2015). Entre as peças que tocamos havia o “Tourdion” (1530), uma dança de compositor anônimo, “Scarborough Fair”, uma canção do folclore inglês, “The Old Spagnoletta” de Giles Farnaby (1560-1600), entre outras.

Como já relatei anteriormente, já havia participado em um grupo de flauta doce, mas não nesse novo formato e dinâmica. Quando ingressei no grupo, já tocava a flauta soprano e contralto, mas como às vezes a voz do tenor ficava sem instrumentista, eu resolvi adquirir esse instrumento e aprendê-lo, pois sua afinação em dó e seu dedilhado são iguais à flauta soprano.

Antes da pandemia de 2020, o grupo Estampie se reunia em uma sala do Instituto de Artes da Unicamp uma vez por semana para os ensaios, com aproximadamente 1h de duração. Nesse espaço havia estantes de partitura para todos e ficávamos dispostos em formato circular. Isso porque nesse formato é mais fácil ouvir e olhar para todo mundo, melhorando nossa interação. Em relação à dinâmica do grupo, no início de cada ensaio uma pessoa era escolhida para ser o referencial de afinação, assim como é o oboé em uma orquestra sinfônica, pois a coordenadora do grupo prioriza a afinação. Isso é compreensível, pois como já disse anteriormente, duas ou mais flautas doces não são fáceis de afinar. Este é um exercício que ajudou o grupo a melhorar neste aspecto ao longo do tempo, pois além de melhorar a percepção musical, melhorou o controle do sopro e da embocadura que tem influência direta na afinação do instrumento. Outro hábito que ajudou o grupo como um todo ainda na questão da afinação foi tocar o primeiro acorde de cada música. O importante é analisar a afinação de cada integrante individualmente e em seguida em duos, trios até a integração de todos os participantes com suas respectivas notas.

Os arranjos das peças eram feitos coletivamente, envolvendo instrumentos, canto e percussão. Não havia uma definição fixa para as vozes que cada participante tocaria, pois estas eram definidas de acordo com cada circunstância e a vontade de cada um. Isso porque alguns integrantes só possuíam uma flauta e outros tinham duas ou mais, sendo que a coordenadora tinha vários instrumentos disponíveis para quem quisesse tentar tocar uma voz diferente. Os violinos, por terem uma tessitura maior, tinham a possibilidade de executar a voz de soprano, contralto e tenor.

Uma dificuldade de se realizar uma performance de música antiga é a de estar de acordo com relação à sonoridade, técnica e interpretação. Essa tarefa não foi fácil, por se tratar de um período onde a tecnologia não permitia o registro nem de áudio ou vídeo; assim, não há como saber se nossas performances poderiam ser consideradas

"autênticas". Por conta desse problema, a coordenadora do grupo utilizou um material de apoio, para entendermos o processo usado por alguns estudiosos da Música Antiga nas suas tentativas de produzirem performances "historicamente informadas". Utilizamos, por exemplo, o livro *Improvisation and invention in the performance of medieval music*, da autora Angela Mariani (2017). Quando nos deparamos com uma peça nova, todos escutavam diferentes interpretações encontradas na internet e por diferentes grupos, e a partir daí era feita a construção interpretativa de forma coletiva.

Percebo que há um paralelo entre o estudo de música antiga com a perspectiva do educador musical Keith Swanwick (2003) em relação ao seu modelo “CLASP”, onde a improvisação, apreciação, técnica, leitura e história estão presentes em ambos. Vejo essa experiência relatada como positiva tanto para a minha trajetória docente quanto para a artística.

Capítulo 4

Para uma nova orientação no uso da flauta doce

A partir dos três relatos e das questões levantadas a partir deles, pude observar algumas práticas e experiências positivas e negativas tanto para a carreira docente quanto para a de performer. O primeiro relato é similar em alguns aspectos com uma experiência pela qual eu passei na disciplina de Estágio Pedagógico I e II ano de 2020. Nos dois estágios, eu fiquei responsável por dar aulas de flauta doce nas Oficinas de Musicalização Infantil da Unicamp para alunos de 10 a 12 anos de idade. Elas ocorreram uma vez por semana com 1h de duração e aconteciam em grupo de forma presencial. Por conta da pandemia e o isolamento social, isso não foi possível naquele ano. As aulas ocorreram de forma remota e online na plataforma Google Meet. Com a experiência de ter participado em um grupo de flauta doce no primeiro relato, foi possível antever e trabalhar alguns aspectos sobre afinação, postura, sopro e dedilhado com os alunos reunidos online. Infelizmente os alunos utilizaram a flauta doce modelo germânica, e isso consequentemente trouxe duas dificuldades, uma foi a diferença de afinação, por eu estar usando o modelo barroco nas aulas, e a outra foi o dedilhado, que é diferente entre as duas flautas em algumas notas.

O desenvolvimento da educação em geral vem sofrendo transformações significativas por conta dos avanços tecnológicos, e na área da educação musical não foi diferente. Hoje por conta das transformações que envolvem o ensino e aprendizagem, novas dinâmicas e relações estão sendo formadas em ambientes virtuais, em plataformas de ensino como a Hotmart, Udemy Academy, entre outras e as redes sociais. Analisando o segundo relato, vejo que a internet pode ser uma aliada no processo de aprendizagem do aluno flautista. Há muitos materiais envolvendo a flauta doce na internet, como métodos de ensino, gravações em formato de áudio e vídeo e cursos ministrados de forma online. Com tanto material, tive dificuldade em filtrar o que poderia me ajudar ou não, e qual ordem seguir em relação ao aprendizado do

instrumento. Para Daniel Gohn (2013, p.26): "Cercados por tanta informação, focar uma única obra artística torna-se um desafio, e na medida em que a internet se expandiu e as conexões de banda larga possibilitaram transferências ultra rápidas de imagem e som, o problema se agrava." É muito fácil se perder diante de tanta informação, principalmente para aqueles que são leigos ou iniciantes em um assunto e não sabem por onde começar. Pelo grande acúmulo de informações e por elas estarem sempre se atualizando, várias pessoas passaram a ter voz ativa nas redes sociais e em outros espaços digitais. Isso por um lado é bom, pois várias pessoas que não tem condições de se expressar nas mídias tradicionais agora podem fazer isso, por outro, há críticas por não haver um filtro de qualidade em relação à informação. Compreendo que isso pode ser um problema, mas assim como no meio acadêmico e científico, para poder entender um assunto, se deve procurar por várias fontes e checar a credibilidade do lugar onde se retira a informação. Por isso é importante que o educador musical ou professor de instrumento estejam atentos ao que o aluno consome nas redes sociais, pois ela pode ser um bom complemento e um ótimo aliado para o aprendizado, se utilizado de uma maneira que agregue e não cause mais confusão. Utilizando o Youtube, indiquei vários vídeos sobre performances de flautistas doces para os alunos das Oficinas de Musicalização. Isso os fez ficar mais animados para aprender a tocar flauta. Além disso, utilizei alguns playbacks, também no Youtube, para que eles fossem estudando o repertório de uma maneira mais lúdica e próxima de uma apresentação real.

O terceiro e último relato, foi para mim a experiência que mais me agradou e me transformou como músico e professor. De acordo com Laís Ivo (2015, p.7), "A prática de conjunto da flauta doce se demonstrou uma excelente alternativa para a ampliação dos conhecimentos que podem ser adquiridos tanto no ensino quanto na aprendizagem desse instrumento". Ivo (2015), em sua pesquisa por meio de questionário, enviou perguntas com o tema da flauta doce em grupo de forma eletrônica para três grupos de flautas doces, e chegou a conclusão, de acordo com as respostas, que o estudo coletivo de flauta doce traz grandes benefícios como a concentração, percepção e disciplina, sem desmerecer o estudo individual. Para além da técnica e sonoridade, estar em grupo traz muitos benefícios extra musicais de acordo com os participantes de sua pesquisa. E para mim particularmente, estar no grupo me possibilitou aprendizados para o meu desenvolvimento na prática docente,

pois pude observar a evolução de um grupo heterogêneo, com diferentes níveis na parte técnica e nas experiências musicais quanto em relação ao curso de graduação, com alunos da composição, bacharelado e licenciatura em música. Com efeito, por meio desta experiência, venho a concordar com Ivo, pois percebi nela muitos dos diversos benefícios extramusicais mencionados em sua pesquisa. Saber escolher e montar um repertório de acordo com o contexto é outro desafio que pude observar e ver ser bem executado, e que acrescentou positivamente à minha experiência pessoal na Universidade.

Por meio das reflexões que fiz durante este trabalho, penso que alguns elementos são importantes para uma boa prática em grupo com a flauta doce. Eles são:

- Aulas presenciais, realizadas uma vez por semana com duração de no mínimo 1h.

Uso de flautas barrocas, pois como já disse, o modelo germânico apresenta algumas limitações.

- Arranjos que reduzem tocar em uníssono com um grande um número de flautas, incorporando outros instrumentos na prática coletiva, como violão, canto, percussão, etc.
- Propor uma escuta ativa do repertório escolhido pelo grupo, fazendo com que os alunos possam criar diferentes arranjos.
- Utilizar a internet como meio de pesquisa e de apreciação musical.
- E priorizar a afinação, pois isso irá ajudar o aluno a identificar seus erros e ter autonomia na hora de estudar.

Espero que com este trabalho eu possa inspirar e contribuir para as práticas que envolvam a flauta doce, pois este instrumento musical se mostra capaz de ser utilizado em diversos contextos educacionais. Segundo CAMPOS e KAISER (2018, p.1), “A flauta doce se apresenta como recurso pedagógico relevante no processo de alfabetização musical, por ser um instrumento melódico que permite uma grande gama de notas e um som fácil de ser emitido.” Por esse ponto de vista, o instrumento tem grande valor tanto para a educação musical quanto para a área performática. Finalizo dizendo que um bom trabalho com a flauta doce, tanto em contextos formais e não formais de música, não envolve somente tocar bem o instrumento ou proporcionar lazer; ambos os objetivos têm de estar lado a lado.

Referências Bibliográficas

AMARO, João Batista. **Iniciação musical com a flauta doce em projetos sociais: uma revisão de literatura**. 2016. 37 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação, Licenciatura em Música a Distância) - Universidade de Brasília, Ipatinga, 2016. Disponível em: https://www.bdm.unb.br/handle/10483/17211. Acesso em: 3 nov. 2020.

CAMPOS, Bruna Oliveira; KAISER, Izaura Serpa. Flauta doce como instrumento democrático na alfabetização musical para crianças entre cinco a oito anos: uma experiência no setor de musicalização da UFRJ. **XV Encontro Regional Centro-Oeste da Associação Brasileira de Educação Musical**, Goiânia, p. 1-16, 2018.

GOHN, Daniel Marcondes. A internet em desenvolvimento: vivências digitais e interações síncronas no ensino a distância de instrumentos musicais. **Revista da ABEM**, [*s. l.*], v. 21, n. 30, p. 25-34, 2013. Disponível em: http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/79. Acesso em: 28 out. 2020.

IVO, Laís Figueiroa. A prática coletiva da flauta doce no contexto do ensino superior: uma investigação de três grupos musicais ligados às universidades. **XXII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical**, Natal, p. 1-12, 2015. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/xxiicongresso/xxiicongresso/paper/view/1499. Acesso em: 2 nov. 2020.

MARIANI, Angela. **Improvisation and invention in the performance of medieval music**. New York: Oxford University Press, 2017. 265 p. ISBN 9780190631185.

MASCARENHAS, Mário. **Minha doce flauta doce**. 3. ed. São Paulo: Irmãos Vitrale, 1977. 95 p. v. 2.

PENNA, Maura; BARROS, Olga Renalli Nascimento e; MELLO, Marcel Ramalho de. Educação musical com função social: qualquer prática vale? **Revista da ABEM**, Londrina, n. 27, p. 65-78, 2012. Disponível em:

http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaABEM/index.php/revistaabem/article/view/161. Acesso em: 16 out. 2020.

SWANWICK, Keith. Ensinando música musicalmente. Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.

.